

O mundo a partir do léxico: reconstruindo a realidade social Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní

Beatriz Carretta Corrêa-da-Silva¹

“Language is a guide to social reality”
Edward Sapir²

Resumo

Com base no pressuposto de que a análise do léxico de uma protolíngua pode fornecer informações que permitem dar a conhecer uma comunidade em suas diferentes dimensões: social, cultural, étnica, geográfica, ecológica, etc., o presente artigo apresenta, além de uma breve discussão a respeito da viabilidade da paleontologia linguística como metodologia de trabalho, uma reconstrução parcial da sociedade e da cultura Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní, com base no léxico reconstruído para o Proto-Tupí e suas formas cognatas em Proto-Tupí-Guaraní, Sateré-Mawé e Awetí.

Palavras-chave: Linguística histórica. Paleontologia linguística. Reconstrução histórica e cultural. Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní. Tronco Tupí.

Abstract

Based on the assumption that the lexicon of a proto-language can offer information that allows the reconstruction of a community in its various dimensions: social, cultural, ethnic, geographical, ecological, a.s.o., this paper presents a brief discussion of the viability of linguistic paleontology as a methodology of research as well as a partial reconstruction of Mawé-Awetí-Tupí-Guaranian culture and society on the basis of the lexicon reconstructed for the Proto-Tupí and its cognate forms in Proto-Tupí-Guaraní, Sateré-Mawé and Awetí.

Keywords: Historical linguistics. Linguistic paleontology. Historical and cultural reconstruction. Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní. Tupian stock.

1. Introdução

“O mundo de uma comunidade pode ser analisado por meio do estudo da língua falada por seus membros?” Ilia Pejros (1997:149) lançou a questão há mais de uma década, mas a resposta permanece uma possibilidade teórica. As informações relativas ao mundo de uma comunidade atual ou pré-histórica repousam majoritariamente no léxico partilhado por seus membros, de forma que, teoricamente, seria possível conhecer e descrever esse mundo a partir da análise do léxico da língua.

1 Doutora em Linguística, LALI/UnB.

2 Sapir, Edward. 1985[1929]. The status of linguistics as a science. In: Mandelbaum, D. G. (ed.), *Edward Sapir, Selected Writings in Language, Culture and Personality*, pp. 160-166, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

No que diz respeito a protolínguas, não é possível ter acesso a um léxico amplo e detalhado, pois não se pode pretender reconstruir integralmente uma língua ancestral. Como se sabe, o princípio fundamental da linguística histórica é a possibilidade de reduzir variações sincrônicas entre línguas a invariantes mais remotos, mediante a reconstrução comparativa, para fazer emergir estágios linguísticos ancestrais (Hock 1991:532). As críticas metodológicas argumentam que, ao “reduzir-se variações a invariantes”, não apenas elimina-se a possibilidade de evidenciar diferenças dialetais comumente presentes em línguas naturais, mas também se deixa de considerar a obsolescência tanto de itens gramaticais quanto lexicais que podem atingir formas relacionadas de maneira independente (*idem*:569).

Evidentemente, há restrições ao tipo de realidade que se pode recuperar por meio da reconstrução de uma protolíngua, porém somente a reconstrução comparativa permite encontrar indícios que levem a postular a diversificação dialetal no contexto da língua ancestral. De qualquer forma, a variação é condição necessária à diversificação linguística, de maneira que algum valor de realidade deve ser creditado aos itens reconstruídos da protolíngua como expressão de parte da realidade histórica ancestral, em momento determinado do passado. A análise do léxico de uma protolíngua pode fornecer, assim, informações que permitem conhecer diversas dimensões – ecológica, étnica e cultural – de uma determinada comunidade (Pejros 1997:151). Esse exercício, no entanto, é limitado à quantidade de dados que se podem reconstruir.

O uso da reconstrução linguística para a coleta de informações relativas à sociedade e à cultura em estágios históricos mais antigos e, até mesmo, de fatos ecológicos e geográficos é chamado de paleontologia linguística.

Saussure (1996[1916]:262) considera o celtista Adolphe Pictet o primeiro pesquisador a fazer uso da paleontologia linguística. Em seu estudo sobre *As origens indo-europeias*, Pictet buscou “encontrar nos testemunhos fornecidos pelas línguas indo-europeias, os traços fundamentais da civilização dos ‘árias’”, dando a conhecer, por meio do léxico, a cultura material, a vida social, a família, as instituições, a fauna e a flora, e tentando determinar, com base nas inferências geográficas e ecológicas, o local de origem do grupo em questão. Saussure demonstrou, no entanto, dose de ceticismo com relação à quantidade de “ensinamentos” desse tipo que a língua poderia efetivamente oferecer, ponderando que a ausência de uma palavra não evidencia necessariamente o desconhecimento da coisa por ela significada (*idem*:263) e remetendo à questão da obsolescência e dos empréstimos. O autor reconheceu, contudo, que, “nos limites indicados, a língua é um documento histórico” (Saussure 1996[1916]:262) e ressaltou que, em geral, a “unidade étnica basta para explicar a comunidade linguística”.

Se, por um lado, estudos de áreas multilíngues tenham demonstrado que “homogeneidade cultural não significa [necessariamente] homogeneidade

linguística” (Sorensen Jr. 1974[1967]:154)³ e, por outro, a centralidade da noção de cultura tenha sido problematizada, cedendo lugar a noções como identidade étnica e etnicidade, em particular a partir dos estudos de Fredrik Barth (1976[1969])⁴, a ideia central de que “a língua é um documento histórico” (Saussure *op.cit.*) continua válida em sua totalidade. A noção de língua como um atributo externo à etnia (cf. Carneiro da Cunha 1986), que pode ser usado emblematicamente como sinal diacrítico ou traço distintivo frente a outras etnias, ao invés de traço cultural definidor de um grupo étnico, pode colocar em questão a unicidade língua/cultura/etnia e evidenciar as dificuldades de relacionar cultura material com língua, mas não invalida a reconstrução de uma realidade social a partir do léxico.

Note-se que o léxico Proto-Tupí reconstruído até o momento não é extenso e apresenta cobertura lexical relativamente reduzida. Neste estudo, a ênfase foi dada aos itens lexicais registrados para o Sateré-Mawé e o Awetí e que puderam ser reconstruídos para o Proto-Tupí-Guaraní, uma vez que esta pesquisa busca compreender a realidade pré-histórica em que se deu o desmembramento do sub-ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní, o que resulta em maior restrição dos dados. Ainda assim, apesar da limitação dos dados disponíveis, é possível fazer inferências com relação à cultura e à sociedade Tupí anteriores à invasão europeia e reconstruir, mesmo que de maneira parcial e incompleta, algo da realidade cultural e social dessas comunidades, por meio de uma narrativa linguística, i. é, baseada nas línguas indígenas. Para tanto, são propostas, ademais, reconstruções para os estágios intermediários Proto-Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní (PMATG) e Proto-Awetí-Tupí-Guaraní (PATG).

Como se verá abaixo, o léxico reconstruído para o Proto-Tupí inclui palavras consideradas básicas, ou seja, aquelas palavras que são supostamente pouco

3 A área de estudo de Arthur Sorensen Jr. (1974[1967]) pode ser definida *grosso modo* pela bacia do rio Uaupés e corresponde aproximadamente à área em que a língua Tukáno é tida como língua franca: “*the homogeneous area of the central Northwest Amazon has been circumscribed, perhaps somewhat artificially, as the area characterized by multilingualism as a culture trait. Within it there is no one language that is father-language to all, nor is there any one language that is mother-language to everyone. What is father-language to some is mother-language to others and an unknown language to still others, all people who bear the same culture*” (*op.cit.*:154).

4 O livro organizado por Barth (1976[1969]) reúne diversos estudos sobre as fronteiras dos grupos étnicos e forjam uma mudança de perspectiva ao enfatizar a autoidentificação como aspecto crítico definidor de um grupo étnico: “*cuando se les define como grupos adscriptivos y exclusivos, la naturaleza de la continuidad de las unidades étnicas es evidente: depende de la conservación de un límite. Los aspectos culturales que señalan este límite pueden cambiar, del mismo modo que se pueden transformar las características culturales de los miembros; más aún, la misma forma de organización del grupo puede cambiar; no obstante, el hecho de que subsista la dicotomía entre miembros y extraños nos permite investigar también la forma y el contenido culturales que se modifican*” (*op.cit.*:7).

influenciáveis pela mudança cultural e que, por isso mesmo, devem manter-se relativamente inalteradas no decorrer do tempo (Rodrigues 1964:99); palavras referentes ao meio ambiente, como nomes de plantas e animais; além de diversas outras que transmitem conceitos culturais. O léxico utilizado nesta pesquisa contém aproximadamente 250 itens, divididos da seguinte forma: (i) 30 itens relativos ao corpo humano; (ii) 39 itens referentes à natureza; (iii) 11 nomes de plantas; (iv) 27 nomes de animais; (v) 21 termos relativos à cultura; (vi) 14 termos de parentesco; (vii) 70 verbos; (viii) 17 nomes de qualidades; e (ix) 20 palavras gramaticais, tais como prefixos e sufixos, posposições e demonstrativos.

2. Reconstrução da Realidade Social Ancestral

Poucas são as pesquisas que recorrem à paleontologia linguística para reconstruir a realidade social de grupos Tupí em períodos históricos anteriores à conquista europeia. No entanto, Rodrigues (1988; 2007) já avançava a ideia da presença da agricultura entre os falantes de Proto-Tupí, com a reconstrução de termos para plantas cultivadas e semicultivadas, além de verbos referentes a práticas culturais e nomes de instrumentos que estão direta ou indiretamente relacionados à agricultura. Alguns desses termos também podem ser reconstruídos para PMATG e PATG:

PT ****wet'ik** 'batata doce' : PATG ***jet'ik** : PTG ***jetik** : AW **tezik**

PT ****awa, awaj** 'cará' : PMATG ***awaj** : MA **awaj-ʔa**

PT ****mani** 'mandioca' : PMATG ***mani** : MA **mani** : PATG ***mani** : PTG ***mani** : AW **mani**

PT ****kurua** 'planta cucurbitácea' : PATG ***kurua** : PTG ***kurua**

PT ****pe** 'fumo' : PATG ***pe** : PTG ***pe-tim** : AW **pe**

PT ****iʔa** 'cabaça' : PATG ***iʔa** : PTG ***iʔa** : AW **iʔa**

PT ****tiŋ** 'timbó' : PATG ***tiŋ** : PTG ***tiŋ**

PT ****tʃit** 'cavador' : PMATG ***tʃit** : MA **tit-ʔi** : PATG ***tʃit** : PTG ***tʃir** : AW **tit**

PT ****wi** 'machado' : PMATG ***wi** : MA **i-wi-kap** : PATG ***ji** : PTG ***ji** : AW **ki**

PT ****ʔko** 'roça' : PMATG ***ʔko** : MA **ko ~ ŋo** : PATG ***ʔko** : PTG ***ko** : AW **ko**

PT ****koj** 'cavar' : PMATG ***koj** : MA **koj** 'plantar' : PATG ***koj** 'cavar' : PTG ***iʃi-koj** 'terra-cavar'

PT ****tʃek^w** 'socar, pisar' : PMATG ***tʃok^w** : MA **tok** : PATG ***tʃok^w** : PTG ***tʃok**

PT ****eʔe** 'ralar' : PATG ***eʔe** : PTG ***-eʔe** : AW **-eʔe**

Cabe notar que o termo para ‘fumo’ em PTG **pe-tim* /fumo-plantar/ é um composto que significa literalmente ‘fumo cultivado’ (cf. PTG **tim* : AW *tim* ‘plantar’), o que sugere que essa planta, ainda que não fosse domesticada em estágio Proto-Tupí, tenha passado a ser cultivada em algum momento entre o desmembramento inicial dos ramos ocidental, que inclui as famílias Arikém, Tuparí, Ramaráma, Puroborá e Mondé, e oriental, famílias Tupí-Guaraní, Awetí, Sateré-Mawé, Mundurukú e Jurúna – de acordo com a proposta de Cabral (2002:5) – e o estágio PATG, com a introdução de novo verbo específico para ‘plantar’, tendo o Sateré-Mawé retido a forma ancestral MA *koj* ‘plantar’ (< PMATG **koj* < PT ***koj* ‘cavar’).

Quanto ao cultivo da mandioca e, possivelmente, à prática de ralar o tubérculo para produção da farinha, que constitui a base da alimentação de inúmeros grupos Tupí atuais, é provável que já estivessem presentes em estágio Proto-Tupí, como atestam a retenção do nome da planta (PT ***mani* ‘mandioca’: PMATG **mani* : PATG **mani*) em todas as famílias, bem como a preservação dos verbos ‘ralar’ (PT ***e?e* ‘ralar’ : PATG **e?e*) e ‘socar’ (PT ***tʃek^w* ‘socar, pisar’: PMATG **tʃok^w* : PATG **tʃok^w*), tarefas que faziam parte do trabalhoso processo de preparação da farinha, conforme atesta Leandro (2007:265) com base em fontes históricas:

Mais trabalhosa do que o cultivo da mandioca era a preparação da farinha, que envolvia várias tarefas. Eliminar o ácido venenoso da raiz da mandioca e transformá-la em farinha bruta envolvia seis tarefas: descascar, lavar, ralar, socar, peneirar e torra⁵.

Da mesma forma, conforme demonstra Rodrigues (2007), foi possível reconstruir termos que atestam o trançado de cestos e a tecelagem de redes de dormir, bem como a presença de cerâmica. É importante salientar que a produção de cordame, trançado e tecidos é “um dos gêneros artísticos indígenas mais variados e copiosos”, que se utiliza de matéria prima abundante e diversificada na forma de folhas, palmas, cipós, talas e fibras para confeccionar cestos, peneiras, abanos e esteiras, e tecer faixas, tipoias e redes (Ribeiro 1987:37).

PT ***ir'u* ‘cesta’: PMATG **ir'u* : MA *hit*: PATG **iru* : PTG **iru*

PT ***itʃ'ipo* ‘cipó’: PMATG **itʃ'ipo*: MA *iripo*: PATG **itʃipo* : PTG **itʃipo* :
AW *itipo*

PT ***tʃ'am* ‘corda’ : PATG **tʃam* : PTG **tʃam* : AW *tam*

PT ***ep^w* ‘folha’ : PMATG **op^w* : MA *-op* : PATG **op^w* : PTG **-oβ* : AW *-op*

PT ***ēri* ‘rede de dormir’ : PMATG **iri* : MA *ini* : PATG **iri* : PTG **ini* : AW *ini*

5 Platzmann, Julius. 1872. *Aus der bai von Paranaguá*. Leipzig: Druck und Verlag Von B. G. Teubner.

PT ***tʔup* ‘barro’ : PATG **tup* : PTG **tu-juk* (< **juk* ‘podre’) ‘lama’

PT ***waʔeuʔum* ‘barro para cerâmica’ : PATG **jauʔum* : PTG **jauʔum* :
AW *taʔum*

PT ***waʔe* ‘vasilha de barro’ : PMATG **waʔe* : MA *waʔã* : PATG **jaʔe* : PTG **jaʔe* :
AW *taʔe*

Note-se, contudo, que tradicionalmente a visão da arqueologia brasileira é a de que cerâmica e agricultura estão intimamente relacionadas (Prous 1999:345), de forma que a presença de determinados utensílios cerâmicos tende a ser interpretada como evidência de cultivo já desenvolvido (Tenório 1999:262). Essa mesma linha de pensamento não reconhece a produção de cerâmica no contexto amazônico em período tão remoto quanto o proposto pela linguística para o início do desmembramento do tronco Tupí⁶, razão pela qual não considera a possibilidade de cultivo entre os Proto-Tupí (Meggers & Evans 1973:57). Contudo, como explica Corrêa-da-Silva (2010:71), a adoção de premissas e práticas pós-processualistas⁷, pelos arqueólogos nacionais, veio oferecer outras possibilidades interpretativas, não apenas para a ocorrência de cerâmica dissociada de indícios de práticas agrícolas, mas também para compreender estágios diferenciados de introdução, experimentação e intensificação do cultivo. Além disso, o avanço da pesquisa arqueológica tem levado a crer que a cerâmica pode ter-se desenvolvido primeiramente na Amazônia, uma vez que é de lá que provém a cerâmica hoje considerada a mais antiga das Américas, com datações de até 7.500 anos A.P. (Roosevelt 1995⁸ *apud* Gaspar & Imazio 1999:249-250).

Dessa forma, apesar do caráter relativo da datação em linguística histórica, os dados linguísticos referentes aos Proto-Tupí, que indicam a presença tanto de cerâmica quanto de práticas agrícolas e produção de farinha de mandioca

6 Com base em estudos léxico-estatísticos e por analogia com situações semelhantes em outros ambientes, Rodrigues (1964:103) indica uma idade de cerca de 5 mil anos AP para o Proto-Tupí. Urban (1998[1992]:89) admite uma idade de 3.000 a 5.000 anos AP baseando-se em indicações glotocronológicas e, aparentemente, em Rodrigues (1986); ao passo que Storto (2005:70) sugere 4.500 anos AP, mas não especifica com base em que dados.

7 A Arqueologia Pós-Processualista surgiu como crítica aos métodos e práticas arqueológicos Processualistas, anteriores aos anos 1980, e caracteriza-se pelo ecletismo, geralmente associada ao pós-modernismo e pós-estruturalismo, está em sintonia com as recentes transformações em diversas áreas do conhecimento, desde a Arquitetura até a Crítica Literária, e seu *corpus* teórico define-se, segundo Funari (1995:5), pela “abertura ao debate e à diversidade, devendo conceber uma multiplicidade nem sempre compatível de abordagens”.

8 Roosevelt, Anna C. 1995. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity. In: Barnett, W. K. & Hoopes, J. W., *The Emergence of Pottery: technology and innovation in ancient societies*, pp. 115-131. Washinton, DC: Smithsonian Institution Press.

na Amazônia em tempos remotos, oferecem a possibilidade de ampliar o diálogo entre as duas ciências, ainda que não permitam que se façam quaisquer inferências quanto ao estágio de desenvolvimento dessas práticas, ou seja, se se trata de agricultura incipiente associada à coleta, de uma fase de experimentação de manejo ou de agricultura intensiva (Corrêa-da-Silva 2010:71).

No que diz respeito aos itens lexicais referentes a conceitos culturais, puderam ser reconstruídos para o Proto-Tupí, e demais estágios intermediários tratados aqui, alguns termos que fazem referência à casa, à aldeia e à praça da aldeia, assim como à flecha, importante não apenas como arma de guerra, mas também como instrumento para caça e pesca, da mesma forma que o timbó, utilizado para entorpecer os peixes, e assim, facilitar a pesca.

PT ****ek^w** ‘casa’ : PMATG ***ok^w** : MA **ok** ‘ninho, teto’ : PATG ***ok^w** : PTG ***ok** : AW **ok**

PT ****ek^wen** ‘porta’ : PMATG ***ek^wen** : MA **oken-ʔipi** : PATG ***ok^wen** : PTG ***oken** : AW **oten-ap**

PT ****t^ʔap** ‘teto’ : PATG ***tap** : PTG ***taβ** ‘aldeia’ ; **tapij** ‘abrigo’ : AW **tapij** ‘cobertura’

PT ****t^ʔapp^wet** ‘aldeia abandonada’ : PATG ***tap^wet** : PTG **taper**

PT ****ek^wat** ‘praça da aldeia’ : PATG ***ok^wat** : PTG ***okar**

PT ****ek^wʔip** ‘flecha’ : PATG ***oʔip** : PTG ***uʔiβ** : AW **uʔip**

PT ****pot^ʔanj** ‘remédio’ : PMATG ***pot^ʔanj** : MA **pohanj** : PATG ***potanj** : PTG ***potsanj** : AW **potanj**

É interessante acrescentar que, embora apenas o nome de uma única espécie de peixe tenha sido reconstruído – a carência de nomes de animais e plantas deve-se em grande medida ao desconhecimento de pesquisadores de campo de termos relativos à flora e à fauna e também à dificuldade de coligir esse tipo de vocabulário –, foi possível reconstruir o termo para armadilha de pesca composta de cercado de esteiras, o covo.

PT ****paku** ‘pacu’ : PMATG ***paku** : MA **paku** : PATG ***paku** : PTG ***paku** : AW **paku**

PT ****wekēʔa** ‘covo’ : PATG ***jekeʔa** : PTG ***jekeʔa**

PT ****tij** ‘timbó’ : PATG ***tij** : PTG ***tij**

Observe-se que Laraia (1995:53) descreve os Tupinambá dos primeiros anos da conquista europeia pelas seguintes características culturais, que os

distingue dos demais grupos indígenas, ao mesmo tempo em que os aproxima e inclui entre os diversos grupos Tupí: o uso de rede de dormir, a utilização do arco e da flecha como armas de guerra, o cultivo intensivo da mandioca e a prática da antropofagia. Ao passo que Fernandes (1989:60-61), por seu turno, apresenta a aldeia Tupinambá, com base nos cronistas quinhentistas e seiscentistas, como sendo formada por malocas distribuídas de forma a deixar uma área quadrangular no centro, o terreiro, onde acontecia parte importante da vida social. O mesmo autor (*idem*:293) discute a importância da figura do pajé como homem respeitado, temido e poderoso.

As evidências linguísticas arroladas acima, por si sós, indicam que é preciso rever as descrições tradicionais referentes aos grupos Tupí anteriores ao contato com o europeu. O vocabulário acima sugere que nem mesmo em estágio de desenvolvimento tão antigo quanto o Proto-Tupí, as comunidades falantes da protolíngua poderiam ser resumidas a pequenos bandos de caçadores-coletores que viviam em malocas isoladas, uma vez que foi possível reconstruir para o Proto-Tupí termos que sugerem que tais grupos ancestrais já viviam em aldeias grandes o suficiente para que fosse possível demarcar uma praça em seu interior.

Vão no mesmo sentido os termos que se referem aos utensílios e à prática da agricultura, ao cultivo da roça e, em especial, à utilização da mandioca na alimentação como farinha, conforme visto acima, que indicam que a floresta tropical permitiu o desenvolvimento de um complexo adaptativo caracterizado por sistema de subsistência capaz de ensejar o crescimento da população. Os dados linguísticos, assim como abordagens etno-históricas de caráter marcadamente diacrônico no contexto dos estudos etnográficos, vão de encontro à visão de uma ocupação pré-histórica amazônica prejudicada pelo meio ambiente pobre em recursos, perspectiva herdeira da arqueologia processualista⁹ e da ecologia cultural de viés difusionista.

9 A arqueologia processualista ou nova arqueologia desenvolveu-se nos Estados Unidos nos anos 1940 e propunha uma nova visão da arqueologia como processo cultural, tendo como objetivo fundamental dimensionar a continuidade ou a mudança cultural decorrente de alterações tecnológicas, ambientais, etc. Essa abordagem neoevolucionista, aliada à ecologia cultural, concebe a evolução cultural de uma perspectiva difusionista e centra-se na prospecção sistemática (*surveys*) em grandes áreas geográficas de maneira extensiva e com poucas sondagens, valorizando a amostragem da cultura material descontextualizada para evidenciar tradições e fases arqueológicas, desconsiderando as estruturas arqueológicas dos sítios selecionados e, geralmente, sem o uso de datações radiocarbônicas ou por termoluminescência. Utiliza-se amplamente de modelos estatísticos e da analogia etnográfica, através da etnoarqueologia – uma das principais contribuições deste paradigma culturalista e anistórico da arqueologia, junto com a formação do registro arqueológico. No Brasil, está representada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, que funcionou de 1965 a 1970 sob a orientação de Betty Meggers e Clifford Evans, cujas pesquisas na Amazônia levaram à adoção de

Da mesma forma que o uso e produção de cerâmica, de trançado e cordame e da rede para dormir, também a dedicação à confecção da arte plumária sugere desenvolvimento cultural mais complexo, com ocupação de prolongada duração, dispensando tempo necessário à produção de artesanato para uso cotidiano, mas também de artefatos especiais, de valor simbólico, relacionados diretamente com a vida ritual e cerimonial. Assim, entre os nomes de animais que puderam ser reconstruídos para a protolíngua ancestral, pode-se perceber a importância relativa das aves, visto que representam nove dos vinte e sete nomes reconstruídos.

A manutenção de nomes de diversas aves pode ser indicativa da atribuição de grande valor à fruição artística, por meio da arte plumária – “a mais alta e refinada das suas criações” [indígenas] (Ribeiro 1987:54) – mais do que da necessidade imperativa de saciar a fome. Dentre as diversas artes indígenas, a plumária é a única que não tem fim exclusivamente utilitário, estando destinada imperativamente à busca da beleza e da perfeição, reflexo de preocupação estética. Essa característica é ainda mais marcante entre os grupos Tupí do que entre outros grupos, como, por exemplo, os Boróro, para os quais a “arte plumária está associada a padrões de conduta humana, funcionando como código transmissor de mensagem sobre diferenciação social” (Dorta 1987:227).

Grupos Tupí, como Mundurukú e Ka’apór, produzem peças plumárias delicadas sobre faixas de tecido de algodão, utilizando-se não apenas das grandes penas, mas também de pequenas penugens e trabalhando na modificação da cor de acordo com a peça, por meio de diversas técnicas naturais de tingimento permanente. É interessante ressaltar que, no que diz respeito aos povos Tupí, como Ka’apór, Tembé, Sateré-Mawé e Mundurukú, dentre as aves mais comumente utilizadas para a produção de arte plumária encontram-se as araras de diversas espécies, o mutum, o papagaio e o tucano, termos que puderam ser reconstruídos para a língua ancestral e seus estágios intermediários.

PT ****anu** ‘anu-preto’ : PMATG ***anu** : MA **aju** : PATG ***anu** : PTG ***anu**

PT ****karu** ‘arara’ : PMATG ***karu** : MA **karu** ‘a. amarela’

PT ****arat** ‘arara’ : PATG ***arat** : PTG ***arar** : AW **arar-an** ‘a. azul’

PT ****waku** ‘jacu’ : PATG ***jaku** : PTG ***jaku** : AW **taku**

um modelo difusionista, tendo os Andes como área central de difusão cultural e as terras baixas amazônicas como área marginal e periférica, onde as altas culturas andinas estabeleceram-se e decaíram em decorrência do ambiente tropical úmido impróprio para o desenvolvimento cultural/social humano, não existindo solução de continuidade entre as culturas pré-históricas e as populações etnográficas, i.e. os povos atuais.

PT ****mitũ** ‘mutum’ : PMATG * **mitũ** : MA **mijũ** : PATG ***mitũ** : PTG ***mitũ** :
AW **mitu**

PT ****awuru** ‘papagaio’ : PMATG ***awuru** : MA **ahut** : PATG ***ajuru** : PTG
***ajuru**

PT ****ipekⁱ** ‘pato’ : MA **ipeka** (< LGA) : PATG ***ipek** : PTG ***ipek** : AW **ipek**

PT ****tukan** ‘tucano’ : PMATG ***tukan** : MA **jũkan** : PATG ***tukan** : PTG ***tukan** :
AW **tukan**

PT ****urup^wu** ‘urubu’ : PMATG ***urup^wu** : MA **uruwu** : PATG ***urup^wu** : PTG ***uruβu** : AW
iziwu

PT ****pepo^o** ‘asa, pena da asa’ : PMATG ***pepo** : MA **pepo** : PATG ***pepo** : PTG ***pepo** :
AW **pepo**

Também indicativo da importância da vida ritual e cerimonial é o termo para ‘xamã’, que pode ser reconstruído com evidências das outras famílias linguísticas Tupí que não as consideradas neste estudo (PT ***wamu/wamuã* ‘pajé’). Além disso, como se viu acima, foi possível reconstruir ainda o termo para ‘remédio’, estreitamente relacionado aos rituais de cura – pajelança –, que são parte integrante do trabalho do xamã.

Percebe-se, portanto, que não apenas a organização da aldeia, mas todos aqueles traços culturais considerados característicos dos povos Tupí já estariam presentes nas protocomunidades ancestrais, cuja cultura afirmava-se na adaptação à floresta, de onde extraíam não apenas seu sustento, mas o conjunto de sua concepção de mundo.

Embora se tenha tornado claro que a floresta tropical úmida não constituía uma limitação ao desenvolvimento cultural, esse habitat de fato oferecia alguns constrangimentos, como se pode depreender a partir dos nomes de animais que puderam ser reconstruídos para o Proto-Tupí, bem como para as protolínguas intermediárias PMATG e PATG, dentre os quais constam alguns parasitas do ser humano que já afligiam os povos Tupí ancestrais na Amazônia ocidental (Rodrigues 2005:94), além de insetos que afetavam essas comunidades há cerca de 5.000 anos A.P.

PT ****k²ut** ‘berne’ : PMATG * **k²ut** : MA **?ut** : PATG * **k²ut** : PTG ***?ur**

PT ****tuŋ** ‘bicho de pé’ : PMATG ***tuŋ** : MA **jũŋ** : PATG ***tuŋ** : PTG ***tuŋ** : AW
tuŋ

PT **ⁿ**kip** ‘piolho’ : PMATG *ⁿ**kip** : MA **ŋip** : PATG *ⁿ**kip** : PTG ***kiβ** : AW **?a-kip** ‘cabeça-
piolho’

PT ****pi?ũ** ‘pium’ : PMATG ***pi?ũ** : MA **upiũ** : PATG ***pi?ũ** : PTG ***pi?u** : AW
pi?ũ

PT ***watʲiʔũ* ‘mosquito’ : PMATG **watʲiʔu* : MA *watʲiʔũ* : PATG **jaʲiʔu* : PTG **jaʲiʔũ* : AW *taziʔũ*

PT ***kupʲi* ‘cupim’ : PMATG ***kupi* : MA *ɲupi-ʔa* : PATG ***kupi* : PTG **kupi-ʔi* : AW *kupi-ʔa*

PT ***akeke* ‘esp. de formiga’ : PATG **akeke* : PTG **akeke*

Com relação à nomenclatura de parentesco Tupí, alguns termos puderam ser reconstruídos, indicando certo de grau de complexidade do protossistema, embora não se possa inferir, a partir dos dados lexicais, se esse era tão complexo quanto o sistema de parentesco Tupinambá descrito por Fernandes (1989:168-182). Além de termos usuais, como avô, marido, esposa, pai e mãe, também foram reconstruídos outros que indicam distinções de acordo com o sexo e uma hierarquia entre irmãos mais novos e mais velhos. Contudo, não foi possível, até o momento, reconstruir nenhum termo que permitisse compreender de forma efetiva o significado de parentes afins e consanguíneos do ponto de vista nativo.

PT ***amõj* ‘avô’ : PMATG **amõj* : MA *amũ* ‘tio’, *amũ-pot* (< *pot* ‘velho’) ‘sogro’ : PATG **amõj* : PTG **amõj* : AW *amũj*, *amõj*

PT ***atʲi* ‘esposa’ : MA¹⁰ *-ari* ‘avó’, *-ari-ʔi* ‘esposa’ : PATG **ati* : PTG **-ati* : AW *-ati*

PT ***men* ‘marido’ : PATG **men* : PTG **men* : AW *men*

PT ***tʲi* ‘mãe’ : PMATG **tʲi* : MA *ti ~ ni* : PATG **tʲi* : PTG **tʲi* : AW *ti*

PT ***-up* ‘pai’ : PATG **up* : PTG **tuβ* ‘pai de gente’ : AW *up*

PT ***aitʲe* ‘homem’ : PATG **aitʲe* : PTG **-aitʲe* ‘homem, parente do mesmo grupo de uma mulher’ : AW *aite*

PT ***aʔit* ‘filho de homem’ : PMATG **aʔit* : MA *-aʔir-u* : PATG **aʔit* : PTG **-aʔir* : AW *-aʔit*

PT ***me^mpit* ‘filho(a) de mulher’ : PMATG **me^mpit* : MA *mẽpit* : PATG **me^mpit* : PTG **memir* : AW *mẽpit*

PT ***tʲiʔit* ‘irmã da mãe’ : PATG **tʲiʔit* : PTG **tʲiʔir*

PT ***kipʲiʔit* ‘irmã júnior de mulher’ : PATG ***kipʲiʔit* : PTG **kipʲiʔir*

PT ***iket* ‘irmã sênior da mulher’ : PATG **iket* : PTG **-iker*

PT ***kiwʲit* ‘irmão de mulher’ : PMATG **kiwʲit* : MA *kiwit* : PATG **kiwʲit* : PTG **kiβir* : AW *kiwit*

10 É possível que as formas MA *-ari* ‘avó’ e *-ari-ʔi* ‘esposa’ sejam cognatas do PTG **-arij* ‘avó’ e não do PT ***atʲi* ‘esposa’.

PT ***ip^wit** ‘irmão júnior do homem’ : PMATG ***ip^wit** : MA **-iwit, ?iwit** : PATG ***ip^wit** : PTG ***-iβir** : AW **-iwit**

PT ***ike** ‘irmão sênior do homem’ : PMATG ***ike** : MA **?ike-?et** : PATG ***ike** : PTG ***ike-?ir** : AW ***iti-?it-**

De qualquer forma, ainda que se pudesse reconstruir uma lista de termos tão extensa quanto a apresentada por Fernandes (1989), é provável que a descrição da estrutura social Tupí resultante unicamente da interpretação dos termos fosse equivocada, visto que, de acordo com Laraia (1971:5), ao desconhecer a regra de descendência, não é possível entender a estrutura de parentesco pela ótica indígena, ficando-se restrito ao caráter genealógico do sistema. Para esse autor, somente a partir de dados referentes às regras de residência, descendência e matrimônio preferencial é que seria possível compreender a terminologia de parentesco da perspectiva indígena e, a partir daí, descrever o sistema de relações. No caso de uma comunidade já extinta, em que se conta unicamente com a reconstrução hipotética da protolíngua, tal exercício de interpretação do protossistema não poderia dissociar-se da etnografia comparada dos grupos atuais.

3. O Mundo a partir do Léxico

Com base nas evidências linguísticas elencadas acima, é possível sugerir que as comunidades Tupí anteriores à conquista europeia eram bastante mais complexas do que se pensava até recentemente. A paleontologia linguística indica que, há cerca de talvez 5.000 anos A.P., os Proto-Tupí viviam em aldeias de tamanho médio, talvez dispersas, porém mantendo laços e comunicação constantes. Mantinham um sistema produtivo caracterizado pela cultura da mandioca – constituída pelo cultivo da raiz, bem como pela produção da farinha –, pela caça e pela pesca com flecha, covo e timbó. Esses grupos sedentários, de agricultura possivelmente incipiente, em que prevalecia o cultivo de raízes sobre o de sementes, produziam artesanato de cordame e trançado, redes de dormir, utensílios cerâmicos e, provavelmente, dedicavam-se à confecção de elaborada arte plumária.

Pode-se ainda inferir, a partir da terminologia de parentesco, que faziam distinções sociais de acordo com o sexo e hierarquizavam os grupos de acordo com a idade. A vida social dos grupos desenrolava-se, provavelmente, no terreiro localizado no centro da aldeia, entre as diversas casas, e a vida espiritual era regida pelo xamã. Parte do trabalho do pajé consistia em realizar rituais de cura e aplicar remédios para sarar feridas talvez causadas por mosquitos e bernes – que pululavam nos locais de caça no interior da floresta e na beira dos rios onde se praticava a pesca – ou ainda por bichos de pé – que infestavam os caminhos que interligavam as diferentes comunidades ou que levavam

da aldeia à roça. Nos momentos de ócio, em que não estavam banhando-se no rio, é possível que demonstrassem seu afeto catando os piolhos de seus familiares. Possuíam sistema de subsistência suficiente para suprir as calorias necessárias, para manter a estabilidade e permitir o crescimento dos grupos e a expansão da população, o que teria levado à primeira cisão em dois ramos: ocidental e oriental.

A pesquisa arqueológica recente indica quadro semelhante para as várzeas na região amazônica a partir de 5.000 A.P. (Roosevelt 1998[1992]:65), quando surgem os mais antigos complexos de cerâmicas decoradas de maneira elaborada. Esses complexos cerâmicos, chamados “formativos”, associam-se a antigas culturas de aldeias de agricultores sedentários, “que parecem representar o estabelecimento generalizado nas terras baixas de aldeias de horticultores de raízes” (*idem, ibidem*). Tradicionalmente, a pesquisa arqueológica tem associado tais horizontes formativos aos povos de língua Aruák, enquanto os horizontes policrômicos são relacionados aos grupos Tupí. Contudo, no presente, o estilo policrômico é compartilhado por diversos povos de diferentes grupos linguísticos, de forma que o mais provável é que os estilos de horizontes “abranjam populações multiétnicas, estando ligados a processos sócio-políticos e econômicos mais complexos do que a mera invasão e migração em massa” (Roosevelt 1998[1992]:73). De qualquer maneira, vale lembrar a recente descoberta da presença de cerâmica corrugada e/ou pintada com mais de 5.000 anos A.P. na região do Alto Ji-Paraná (Miller 2009:100). Essa cerâmica, chamada de Proto-Tupiguarani e entendida como antecedente da tradição arqueológica Tupiguarani costeira, foi datada em 5.070 ± 60 A.P. e vem associada à presença de terra preta, indicativa da prática da agricultura (*idem*: 37).

O surgimento desse novo modo de vida – horticultor sedentário – parece ter gerado a proliferação dos assentamentos e aumentado a comunicação entre as regiões, tendo aparecido, nas terras baixas, horizontes arqueológicos suprarregionais. Esse estilo de vida, contudo, teria desaparecido por volta de 3.000 anos A.P., “com o surgimento do cultivo intensivo de plantas de sementes, com a expansão das populações humanas e com o desenvolvimento das culturas complexas” (Roosevelt 1998[1992]:70).

De acordo com as evidências arqueológicas, os pontos de contato entre o estilo de vida dos grupos indígenas atuais e os pré-históricos não implica continuidade:

A cultura dos índios dos dias atuais representa um modo de vida arcaico que voltou a ser importante devido aos deslocamentos e perdas demográficas ocorridas durante a conquista europeia (*idem, ibidem*).

4. Considerações Finais

O presente trabalho baseou-se em evidências linguísticas para lançar alguma luz sobre a história, a cultura e a sociedade Tupí ancestral, em especial no que diz respeito ao desenvolvimento dos estágios intermediários PMATG e PATG, buscando, ao mesmo tempo, conciliar essa narrativa histórica baseada nas línguas indígenas com contribuições de outras ciências, notadamente a arqueologia. Haja vista o caráter puramente relativo das cronologias linguísticas, este estudo não tem como elucidar se a datação arqueológica indicada acima para o desenvolvimento de culturas complexas – que ocasionou o aumento da população e a substituição do estilo de vida nas várzeas amazônicas –, coincide com o desmembramento do sub-ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní.

De todo modo, é pertinente registrar a ocorrência do termo para ‘milho’ nas três famílias linguísticas consideradas – MA *awati* : AW *awati* : PTG *aβati* –, o qual não é partilhado com as demais famílias do tronco Tupí e, segundo hipótese de Rodrigues (2003:397), pode ser resultante de empréstimo de língua Karíb. Note-se que, de acordo com Campbell (1999:59-60), um dos princípios que rege o empréstimo linguístico é o prestígio associado a determinado bem ou serviço pelo grupo dominante em situação de contato linguístico, acarretando o empréstimo do termo pelo grupo subordinado. O contato com grupos agricultores de sementes nas regiões das várzeas dos rios amazônicos seria, assim, propício ao empréstimo do termo para ‘milho’, inexistente entre os grupos Tupí e altamente valorizado e prestigiado entre as culturas complexas emergentes.

Tal empréstimo poderia ter ocorrido em estágio Proto-Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní, o que teria como resultado a herança comum às três famílias linguísticas. Também poderia ter ocorrido em estágio Proto-Awetí-Tupí-Guaraní, tendo entrado no Sateré-Mawé por empréstimo da Língua Geral Amazônica (LGA *awati*, cf. Mello 1967). Note-se que há número considerável de empréstimos facilmente reconhecíveis de LGA em Sateré-Mawé, e tanto o Awetí quanto diversas línguas Tupí-Guaraní apresentam palavras identificadas como empréstimo altamente provável entre um ancestral Proto-Karíb norte-amazônico e Proto-Awetí-Tupí-Guaraní, que também podem ser identificados em línguas Aruák norte-amazônicas (Rodrigues 2003:397). Percebe-se, pois, ao correlacionar os dados arqueológicos com os linguísticos, que a data de aproximadamente 3.000 anos A.P. poderia ser atribuída a qualquer um dos dois estágios intermediários, PMATG ou PATG.

Referências

Barth, Fredrik (ed.). 1976[1969]. Los grupos étnicos y sus fronteras. *La organización social de las diferencias culturales*. México: Fondo de Cultura Económica.

- Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara. 2002. Natureza e direções das mudanças de alinhamento ocorridas no tronco Tupí. In: Queixalós, F. (org.). *Ergatividade na Amazônia*, 1: 5-7. Paris: Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas (UnB).
- Campbell, Lyle. 1999. *Historical Linguistics: an introduction*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Carneiro da Cunha, Manuela. 1986. *Antropologia do Brasil: mito história e etnicidade*. São Paulo/Brasília: Brasiliense/Universidade de Brasília.
- Corrêa-da-Silva, Beatriz Carretta. 2010. Etnolinguística e Etno-História Tupí: desfragmentando o olhar. *Revista Estudos da Linguagem* 18(1):61-86.
- Dorta, Sônia Ferraro. 1987. Plumária Boróro. In: Ribeiro, D. (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*, 3: 227-238. Edição atualizada do Handbook of South American Indians.
- Fernandes, Florestan. 1989. *A organização social dos Tupinambá*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Funari, Pedro Paulo Abreu. 1995. A Hermenêutica das Ciências Humanas: a História e a teoria e práxis arqueológicas. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica* 10:3-9.
- Gaspar, Maria Dulce & Maura Imazio. 1999. Os Pescadores-Coletores-Caçadores do Litoral Norte Brasileiro. In: Tenório, M.C. (Org.), *Pré-História da Terra Brasilis*, pp. 247-256, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Hock, Hans Henrich. 1991. *Principles of Historical Linguistics*, 2 ed., Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Laraia, Roque de Barros. 1971. A estrutura do parentesco Tupí. *Estudos sobre Línguas e Culturas Tupí*, pp. 172-212. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- _____. 1995. *Los Indios de Brasil*. Colección Pueblos y Lenguas Indígenas, 2, 2 ed. Quito, Ecuador: ABYA-YALA.
- Leandro, José Augusto. 2007. A roda, a prensa, o forno, o tacho: cultura material e farinha de mandioca no litoral do Paraná. *Revista Brasileira de História* 27(54): 261-278. São Paulo.
- Mello, Octaviano. 1967. *Dicionário Tupi (Nheengatu) Português e Vice-Versa*. São Paulo: Editor Folco Masucci.
- Meggers, Betty J. & Clifford Evans. 1973. A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas. *Publicações Avulsas* 20:51-69. Belém.
- Miller, Eurico T. 2009. A cultura cerâmica do tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia – Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 1(1):35-136. Brasília: LALI/Universidade de Brasília.
- Pejros, Iliá. 1997. Are Correlations between Archaeological and Linguistic Reconstructions Possible? In: Blench, R. & Spriggs, M. (eds.), *Archaeology and Language I: Theoretical and Methodological Orientations*, pp. 149-157. London: Routledge.

- Prous, André. 1999. Agricultores de Minas Gerais. In: Tenório, M. C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*, pp: 345-358. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Ribeiro, Darcy. 1987. Arte índia. In: Ribeiro, D. (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*, 3: 29-64. Edição atualizada do Handbook of South American Indians.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1964. A Classificação do Tronco Lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia* 12:99-104. São Paulo.
- _____. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. 1988. Proto-Tupí Evidence for Agriculture. I Conferência Internacional de Etnobiologia, Belém. [ms]
- _____. 2003. Evidências de relações Tupí-Karíb. In: Albano, E. et al. (orgs.) *Saudades da Língua*. 1: 393-410, Campinas, SP: Mercado de Letras.
- _____. 2005. Evidências linguísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia. *Revista de Estudos e Pesquisas* 2(2):89-97, Brasília: FUNAI.
- _____. 2007. Agricultura Tupí Pré-Histórica na Amazônia. *Caderno de Resumos*, p. 453, V Congresso Internacional da ABRALIN, Belo Horizonte, MG.
- Roosevelt, Anna C. 1998[1992]. Arqueologia Amazônica. In: Carneiro da Cunha, Manuela (org.), *História dos Índios no Brasil*, 2 ed., pp. 53-86, São Paulo: Companhia das Letras/Sec. Municipal de Cultura/FAPESP.
- Saussure, Ferdinand de. 1996[1916]. *Curso de Linguística Geral*. 19.ed. São Paulo: Cultrix.
- Sorensen Jr., Arthur P. 1974[1967]. Multilingualism in the Northwest Amazon. In: Lyon, Patricia, Native South American. *Ethnology of the Least Known Continent*. Boston/Toronto: Little, Brown & Cia.
- Storto, Luciana. 2005. Caso e Concordância em Línguas Tupí. *Estudos Linguísticos* 34:59-72.
- Tenório, Maria Cristina. 1999. Coleta, Processamento e Início da Domesticação de Plantas no Brasil. In: Tenório, M. C. (org.). *Pré-História da Terra Brasilis*, pp. 259-271. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Urban, Greg. 1998[1992]. A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. In: Carneiro da Cunha, Manuela (org.), *História dos Índios no Brasil*, 2.ed., pp. 87-102, São Paulo: Companhia das Letras/Sec. Municipal de Cultura/FAPESP.

Data recebimento: 19/04/2013

Data aceite: 15/08/2013